

TROPICÁLIA (consumo&dor)

Poder-se-ia, à primeira vista, numa superficial e inocente leitura, não abrangedora dos motivos mais fundos desta Tropicália — tropos de equatoriais febres ritmico-amorosas e cantabilis-revolucionárias, notar ou fazer crescer uma palpável ruptura entre essas monumentais notas e os livros anteriores do poeta Bandeira Tribuzi. Se já em **"Pele e Osso"**, seu livro precedente, o autor de **"Safra"** deixava antever por vezes a quebra de um sistema verbal dentro daquela ibérica certitude medular de formas fixas e metros tradicionais, cadências já ouvidas no desfilar de antigas e admiráveis estrofas de seu privilegiado estro, neste **"Tropicália"**, fruto que nos associa instintivamente, ainda que pelo oposto, às tristezas dos incandescentes trópicos decantados por um Lévy-Strauss, Bandeira Tribuzi dá continuidade a uma evolução essencial para a sua certeza de criar em benefício de uma civilização melhor.

Destarte, no caudal voluptuoso das enumerações verbais presas à arritmia de um gigantismo geográfico que se desdobra numa fauna e flora inexcedíveis, Tribuzi como que se extasia diante do panorama físico, humano e terreno, oferecido aos seus olhos de esteta e à sua inteligência de homem contemporâneo voltado para a angustiosa busca da síntese dialética onde o sonhar possa ser de fato o irmão do fazer. A concretude do topus imaginativo e o ideal de um imperioso desejo de amor comum, nele arraigados como a fonte umbilical estendida do uno para o coletivo, mar-fonte-rumo onde todos juntos possam beber do licor da esperança e seguir após para a alegria de um futuro mais justo e humano, eis o lastro verbal de quem, acima da **"mais-valia"**, condição própria a um computador qualquer, vê e vislum-

bra, moldando-o, o valor da única e veraz valia: o Homem, balança síntese dos que os lábios pronunciam ao se abrirem para a vida numa permanência que, através da Palavra, se embrenha palpante pelas entranhas do imperempto. O Homem, somatório do eu e do tu, leito onde se juntam as partes que se anseiam no Todo, o Homem de Cristo e de Marx, das epopéias silenciosas — doloroso epicentro paradoxal! — das catacumbas romanas e também das lutas promulgadas à luz dos decretos que se homologam pela força do povo cantando a aleluia da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

Sendo o amor **"o único despacho de todas as Igrejas sem igrejas"**, neste verso sintetizando de maneira admirável os vários modos da religiosidade de nosso povo, no sincretismo único que lhe é peculiar, Tribuzi prega o verdadeiro e real ecumenismo na globalização do que, embora diverso nos quadrantes das necessidades íntimas de cada um de nós, tem por base o Amor que move os céus e as estrelas, conforme os imortais versos do genial florentino.

"Tropicália", que tem por subtítulo **"CONSUMO&DOR"**, manancial lírico de um homem que foi **"gerado em prazer / e parido com dor"**, compondo numa **"Pavana do fim do mundo"** o lamento de vozes que também são as nossas, se compõe de 14 poemas de largas proporções e extensos versos, e em quase todos eles fazendo-se ouvir o grito de quem não se anestesiou pela duração milenar de uma miséria dia-a-dia contemplada e mais vivida. Mas a **caritas** de Tribuzi, espírito marcado pela religiosidade dos claudros silenciosos, onde cedo cumpriu um noviciado logo desfeito pelas exigências de fazer parte da correnteza que engrossa as vozes testemunhadoras de um tempo no qual somos peças de uma engrenagem sem nome, e ante-hóspedes de um

castelo onde nunca entraremos, réus processuais de enigmático e insondável Juiz, na concepção kafkiana, este **"tempo de partido"**, **"tempo de homens partidos"**, na circundante e universal voz do cantor libirano, nosso contemporâneo não é uma canção de pieguice melíflua e pegajosa, mas uma canção realista e forte de **"quando a caridade está em chamar-se a um burro — burro e em chamar-se porco a um porco"**.

Por isso, pergunta: **"Homens há... Cadê os homens? Mas homens há certos pouco que ainda chamam as coisas com os nomes delas próprias"**.

Pois ele, mais do que ninguém, faz parte desses certos poucos que sabem **"só as palavras sinceras"**, podendo, portanto, dizer **"que há prostitutas com filhos e há belas damas ó damas que se espremem, se escangalham, assassinam e estrangulam para que os homens não delas repolsem em sua carne os olhos depois o sono"**.

E sabe, nesse poema inicial de uma Tropicália onde o verde não esconde dos nossos olhos a gangrena de mentiras que se osam disfarçar em verdades, das mascaradas burguesas, dos vícios orgiásticos e dos roubos perpetrados, em nome de poucos, contra a massa espoliada em seus mínimos direitos e chorando por seus fundos olhos de fera acuada, para morrer, no submundo palafitado de uma pais em decomposição. É o que ocorre com o José da Silva do poema **"Várias hipóteses de José da Silva"**, no A.B. e C. do teorema traçado por um geometa inexorável, fiel unicamente às leis amorais da matemática pura, flor além do bem e do mal e mãe das economias sadicamente planejadas, esse José que, após conseguir trabalho em profissão salário-família,

"não chegou ao fim do mês para colher a melhoria pois foi, compulsoriamente, aposentado da vida".

"Cantado, porque é simples", diz Tribuzi no poema **"Palavras do fim do mundo"**, ele no-las cantará pacientemente, todos esses crimes e todos esses subornos e chantagens, irrompendo numa catapulta de metáforas escritas a ferro e fogo, como o próprio anjo do apocalipse despejando, graças ao átomo fissurado pela inteligência demoniaca do homem moderno, um rosário de fezes e lama sobre os nossos lares outrora limpos e habitáveis.

E, da maneira como os fenomenólogos sabem ler a alma uma vivência idêntica e paralela ao fluir do hábito e do sopro, no respirar-se à intimidade anímica das paredes iminentes ao Todo estranhado na sua ser-em-si, como naquela corresponsabilidade de sons, perfumes e cores, revelada no célebre soneto baudelaireano, Tribuzi respira, neste ar de miasmas e podridão também as árvores **"sonhando o horizonte parado"** e também as rosas, e o vento, e o pensamento, e o peito, nudez, saúde e lágrimas, porque **"de mim sei que me não calo enquanto houver poesia e me a garganta der voz"**.

Voz que é única e verdadeira, voz que se debruça sobre este **"Tempo dos Conglomerados"**, onde **"quem não é deus chegou ao seu final"**, pois **"está na hora de cantar adeus"**, hora em que a **"Meditação da Ponte"**, ponto crucial no espaço construído pelo homem, leva o sonho a popar-se de imagens cheias de uma lubrificidade viril e sa, arquitetura do mais alto desejo inflando nas mãos forjadoras das carícias que, como o rio abaixo, são águas fecundas, subindo e descendo, descendo e subindo para cobrir e banhar **"o tabernáculo do prazer com sua gruta recoberta e úmida"**. Voz medida pelos acentos mais graves de um alto e duro humanismo e testada nos combates de uma poesia fiadora do bem comum:

"por isso canto: por mim, pelo que me faz cantar, — o amor que do sem fim me veio para te amar — e por nós e por que vim para este canto nos dias".



E chega finalmente aquilo que alguns poetas-chansonniers como Caetano Veloso, Chico Buarque de Holanda, Chico Maranhão e alguns outros, conseguiram na parafênalia da hora propiciatória a todos os timbres experimentais: a música como meio e veículo mais amplo de comunicar a poesia.

Ei-lo no início de **"Samba-Coral"**:

"Ponham a mão no coração porque meu samba é de batida coração."

Como refrão?

— Eu digo não.
— Eu digo não.
— Eu digo não."

É o não escutado também no poema AMÉRICA-AMÉRICA, onde há o mesmo sopro **"dos rios como oceanos de seiva circulando o corpo ainda intacto da mãe inumerável"**.

Um não contra aqueles

"que possam negociar os ritmos eternos ou negociar a alma-nascida em liberdade", pois o nome da América ainda é puro **"na boca dos humildes, no coração dos homens que não vendem a vida nos balcões mercenários"**.

Ombreado-se, em várias passagens desse canto, ao Carl Sandburg de **The people, yes** e ao García Lorca de **Un poeta en Nueva-York**, Tribuzi escuta, imensa,

"uma voz que pedía teu corpo verdadeiro, pão de comunidade exigida por milhões, e essa voz dizia só: AMÉRICA! Como se essa palavra já congregasse em si as pétalas benditas da rosa desejada e essa palavra era um prodigioso canto que os ouvidos da noite colhiam com espanto".

É o mesmo Tribuzi a perguntar em **"A promessa recusada"**:

"se não existes por que então insistes a envenenar-me a persistente imagem?",

concluindo, mestre de uma forma antiga por ele tornada viva e moderna, no lirismo farto do soneto 4:

"engana-se o destino que me engana e todo se engalfinha e enfim se dana pois não pode matar quem não inventa. Faço das noites minha madrugada e dela surge — doce recusada, em que a razão da vida se alimenta".

É o Tribuzi de sempre, perdido na correnteza da vida e clamando pela melhoria de vida. E o mesmo ser estendendo a sua Bandeira, símbolo dos que deixam países buscando a Pátria, terra onde possamos comungar com todos a liberdade de usufruir dos frutos ideais do nosso ser e dos frutos materiais do Universo. Terra onde cada dia seja Natal, um Natal sobre a terra, já sonhado por Rimbaud, e não um Natal apodrecendo nas palafitas,

"onde floresce a vida breve das coisas não acontecidas",

pois contra isso, contra o mercenarismo de estereis corações e crapulizadoras mentiras é que ele, Bandeira Tribuzi, poeta fincado à terra com pés e alma de esperança, levanta sua voz cantando o **"milagre da multiplicação / de pães e peixes / para todas as fomes"**, para finalizar esta Tropicália, junto de nós e por todos nós, numa certeza plena e confiante:

"Assim seja!"

Nauro Machado